



FAMÍLIA E PARENTELA COMO ESTRATÉGIA DE SUSTENTAÇÃO NO CAMPO POLÍTICO – MUDIÁTICO: família Massa e o coronelismo eletrônico¹

FAMILY AND KIN AS A SUSTAINABLE STRATEGY IN THE POLITICAL - MEDIA FIELD: Massa family and electronic coronelism

André Kron Zapani²
Suzy dos Santos³

Resumo: O coronelismo eletrônico é um conceito advindo do seu análogo tradicional (LEAL, 1948) que se ressignifica na contemporaneidade baseado em alguns traços arcaicos e hereditários de pertencimento. Esse conceito é uma dos principais predicados sistêmicos das políticas de radiodifusão nacional, sobrepondo conexões de arranjos assimétricos informais (clientelismo e patrimonialismo), disputa pelo voto e o campo político-midiático. Esse artigo visa discutir os conceitos de família e parentela na construção alternativa de um caminho epistemológico ao coronelismo eletrônico, bem como analisar a importância dessas relações sociais, tanto a de cunho tradicional (família) quanto à flexível e de organização fluida (parentela), para a acumulação e transferência de capitais e poder no campo político-midiático. Foi utilizado como objeto dessa pesquisa a família Massa (Ratinho e seu filho Carlos Massa Jr, governador do Paraná) em razão do seu capital midiático, empresarial e sua integração com agentes da política e da mídia estadual e nacional.

Palavras-chave: coronelismo eletrônico. Família. Parentela

Abstract: Electronic coronelism is a concept derived from its traditional analogue (LEAL, 1948) that resignifies itself in contemporary times based on some archaic and hereditary traits of belonging. This concept is one of the main systemic predicates of national broadcasting policies, overlapping connections of informal asymmetric arrangements (clientelism and patrimonialism), dispute over the vote and the political-media field. This article aims to discuss the concepts of family and kinship in the alternative construction of an epistemological path to electronic coronelism, as well as to analyze the importance of these social relations, both traditional (family) and flexible and fluid organization (kinship), for the accumulation and transfer of capital and power in the political-media field. The Massa family (Ratinho and his son Carlos Massa Jr, governor of Paraná) was used as the object of this research due to their media capital and their integration with national and state political agents and the media.

Keywords: electronic coronelism. Family. Kin

¹ Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho 11 - Políticas e Governança da Comunicação, da 9ª Edição do Congresso da Associação Brasileira de Pesquisadores em Comunicação e Política (9ª COMPOLÍTICA), realizado em formato remoto, de 24 a 28 de maio de 2021.

² Doutor em Sociologia (UFPR), integrante do grupos de pesquisa em Políticas e Economia da Informação e da Comunicação (PEIC/UFRJ) e do Núcleo de Estudos Paranaenses (NEP/UFPR). E-mail: andre kron@gmail.com

³ Professora da Escola de Comunicação e do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da UFRJ, coordenadora do grupo de pesquisa em Políticas e Economia da Informação e da Comunicação (PEIC/UFRJ).

1. Coronelismo eletrônico e sua inserção político-midiática

O arcaico coronelismo do passado reproduz traços pontuais na contemporaneidade e se insere nos debates políticos do país, fazendo com que a mídia e sua relevante capilaridade se tornem mecanismos de ruptura e de manutenção no sistema político vigente. É nesse contexto que surgiu a noção coronelismo eletrônico, uma abordagem apropriada de algumas heranças e algumas idiosincrasias da historicidade conceitual de Victor Nunes Leal⁴ que se refere ao cenário político no qual membros dos poderes Executivo e Legislativo se tornaram proprietários de concessões de rádio e televisão, bem como ocupavam espaços decisórios em comissões que deliberavam outorgas para si, parentes, aliados ou terceiros. Entretanto, devido à complexificação das políticas comunicacionais, à pouca transparência nos processos de concessão radiofônica, à crescente prática de barganha entre meios de comunicação, ao voto e à polarização entre radiodifusão e telecomunicação, em pouco mais de trinta anos, essa concepção conceitual, passou a ser definida como um sistema organizado tripartite de autossustentação no qual os arranjos de interesse entre a sociedade política e civil (campo midiático) são estruturados nas relações de arranjos informais (clientelismo e patrimonialismo), eleitorais (voto) e sociais.

Há alguns anos, propusemos pressupostos herdados do coronelismo em Victor Nunes Leal para sua resemantização às novas relações de poder e à atual realidade social:

- 1) circunscrição a um momento de transição;
- 2) relações de clientelistas com alto grau de reciprocidade;
- 3) debilidade da distinção entre interesses públicos e privados;
- 4) o controle dos meios de produção baseado no poder político em detrimento do poder econômico;
- 5) o isolamento da municipalidade. (SANTOS, 2006, p.4).

No entanto, incluiremos nesse artigo uma nova estrutura na episteme do coronelismo eletrônico – o núcleo familiar e os arranjos de parentela (ZAPANI, 2021)

⁴ Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. 7ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, [1949] 2012.

– a fim de situá-lo com mais precisão no campo político e midiático e entendermos a possível transferência e acumulação de capitais, bem como o trânsito de agentes entre os campos de poder. Tomaremos como objeto de análise nesse artigo a família Massa, em especial o apresentado Carlos Massa (Ratinho), proprietário do grupo midiático e empresarial Massa, e de seu filho, o atual governador do Paraná, Carlos Massa Ratinho Junior.

2. Arranjos familiares como recurso de sustentação

Ainda nos idos da Monarquia e da Primeira República, os coronéis dilatavam seu poder simbólico por meio das ramificações parentais, inicialmente por casamento endogâmicos e posteriormente entre familiares de origens díspares, mas sempre em um viés expansionista. A família apresentava uma forma de assistência, tanto em nível horizontal quanto vertical, compondo uma estrutura socioeconômica em que o município era o seu local de atuação.

Segundo Fernando Henrique Cardoso et al (2006), ainda na vigência da Guarda Nacional, famílias compunham a estrutura hierárquica dessa corporação em seus municípios ou vilas, de forma que o irmão mais velho era detentor de posto mais elevado e maior capital financeiro que os irmãos mais novos, formando uma relação de solidariedade⁵ interna e de “propriedade familiar” daquele batalhão.

Complementando a ideia, a família possui uma importante característica de sustentação tanto para os chefes quanto para os seus componentes, tendo em vista que as famílias conjugais numéricas, a despeito da independência econômica e da autossuficiência, tinham proteção econômica amparadas por possíveis negócios inviáveis feitos pelos seus integrantes. Da mesma forma, no viés político, essa solidariedade se fez presente internamente e foi importante, garantindo um laço de lealdade do chefe com seus integrantes. A troca de experiência realizada entre o coronel Azeredo, chefe político de Mato Grosso, e o coronel Euclides Mata reflete bem essa importância: “Fizeste muito bem Euclides, só elegendo os teus. Eu, como não

⁵ União consciente ou não entre indivíduos e grupos em contato uns com os outros, que os faz aderir fortemente uns aos outros (WILLIAMS, 1961 *apud* CARDOSO *et al*, *op.cit*)

tenho parentes, cada um que mando para o Governo de Mato Grosso é um traidor”. (QUEIROZ, 1965, p.89).

Entender relações parentais é também compreender de forma genérica a sociedade, sua formação e seus valores, ou na visão de Katia Mattoso (1988), é crucial para entendermos a nossa realidade brasileira. A família ultrapassa a esfera da vida privada, vai além do seu caráter pedagógico, protetivo e educacional. Ela determina comportamentos, fomenta desigualdades socioeconômicos, cria e delimita subcampos de interesse, transfere e expande capitais simbólicos e mantém relações de dominância e poder.

No entanto, ampliaremos a interpretação do conceito familiar, trazendo a tese de Mattoso (op. cit.) à discussão, na qual considera a parentela um arranjo social de solidariedade familiar muito mais flexível, multifuncional e pertinente para o jogo político atual. Nessas relações internas encontram-se não só os vínculos genealógicos formais e sanguíneos de pais, avós, filhos e sobrinhos, mas também os vínculos ilegítimos como os filhos “fora do matrimônio”, os por afinidade, irmãos de consideração, afilhados, filhos de afilhados, vínculos espirituais, agregados e até os casos da relação de uma determinada pessoa se considerar parente mesmo sem o reconhecimento de parentesco de outrem. Nesse conceito, as relações consanguíneas não constituem razões exclusivas de parentesco, laços de apadrinhamento, proximidade e lealdade são fatores importantes para a formação solidária de um grupo familiar. É a partir da parentela e toda sua flacidez organizacional que se consegue entender a cultura dos favores, do clientelismo e do patrimonialismo em diversas instâncias do Estado, formando uma rede social e política de interesses.

A inserção da parentela como um dos fatores hereditários do coronelismo de Victor Nunes Leal acrescenta uma contribuição relevante na construção do caminho epistemológico do coronelismo eletrônico, um avanço tendo em vista que as relações parentais são recursos preciosos para compreendermos a eficiência, o escamoteamento e a dinâmica das relações sobrepostas de clientelismo e patrimonialismo. Parentela é peça essencial na reprodução sistêmica do coronelismo eletrônico, é um dos eixos basilares de sua sustentação.

Um caso bastante evidente do emprego da parentela em uma demonstração de poder, fisiologismo e relações de clientelismo foi reproduzido por Ricardo Costa de Oliveira transcrito do jornalista Décio Sá⁶, ocorrida no município de Barra do Corda/MA, em 1997:

A defesa dos pistoleiros Moises Alexandre Pereira e Raimundo Pereira, acusados de matar no ano de 1997, em Barra do Corda, o líder comunitário e sem-teto Miguel Pereira Araújo, o Miguelzinho, a mando do empresário Pedro Teles, ajuizaram nesta segunda-feira pedido no Tribunal de Justiça do Maranhão solicitando a transferência do julgamento para São Luís.

A alegação é de que das 25 pessoas selecionadas para participar do júri popular, pelo menos 20 têm ligação com o empresário, seu pai, o prefeito Manoel Mariano de Sousa, o Nezim, e o deputado Rigo Teles (PV), irmão de Pedro

“Verifica-se que a lista de jurados sorteados é totalmente viciada, não havendo qualquer imparcialidade dos mesmos, nem tampouco haveria possibilidade de excluir aqueles que poderiam ser imparciais, já que dos listados com alguma ligação com a família do pronunciado Pedro Teles, só sobriam cinco jurados, número insuficiente para compor o corpo de jurados, pois todos são amigos ou tem alguma ligação com a família do pronunciado”, diz o pedido.

A petição é assinada por Leandro Moraes Sampaio Peixoto, filho do ex-prefeito Avelar Sampaio (PTB). Na época, foi Avelar quem cedeu Moisés e Raimundo para atuarem como segurança de Nezim. O ex-prefeito deve prestar depoimento durante o julgamento.

Leandro diz ainda na petição que cidades vizinhas como Grajaú e Presidente Dutra também não podem servir para a realização do júri, marcado para esta quarta-feira (25), porque Pedro Teles tem grande influência na região. Dos 25 jurados, apenas sete serão escolhidos para formar o júri. O advogado também ajuizou a petição na Corregedoria do Tribunal de Justiça no mesmo sentido.

Miguelzinho foi assassinado porque teria ocupado terras da família Teles em Barra do Corda.

1– Roservelt Guerra Gonçalves – irmão de Paulo Guerra, Assessor do deputado Rigo Teles, irmão do pronunciado Pedro;

2– Isamário Farias Lima – amigo íntimo da família e fornecedor da Prefeitura de Barra do Corda (gerente da Livraria do Estudante), a esposa, Joanice, é enfermeira contratada pela Prefeitura de Barra do Corda;

3– Elker Sousa Ferreira – contratado da prefeitura como motorista, onde apenas recebe o salário, elencado na lista do mensalinho, pessoas que recebem salário do município sem trabalhar, e ainda amigo íntimo da família, um dos presidentes do bloco de carnaval Lisos dando shock, patrocinado exclusivamente por Rigo Teles.

4– Régis Moraes de Miranda – amigo particular do pronunciado Pedro Teles, tem um prédio alugado para a prefeitura de depósito de merenda escolar;

5– Elinalda Rodrigues da Silva – está diretamente envolvida com o fato que culminou com a morte da vítima, Miguel Pereira Araújo. Era dona da terra invadida pela vítima. O marido dela é gerente do Posto Alvorada, de

⁶ *Pistoleiros pedem transferência do júri de Pedro Teles para capital alegando “jogo de cartas marcadas”*. Disponível em: <https://www.facebook.com/BarradoCorda/posts/342412959146729/>. O jornalista foi assassinado em 2012.

propriedade da família Teles e foi preso pela Polícia Federal junto com Pedro Teles. [...] (OLIVEIRA, 2012, p.82-83).

A estrutura de parentesco (família e parentela) e o poder político formatam campos que se convergem em grande medida em todas as regiões do país. A parentela como forma de manutenção do *status quo* pode ser observada, como por exemplo, no estado da Paraíba – no mandato 2020-2024, dez dos doze eleitos para a Câmara Federal têm laços familiares com políticos tradicionais – deputado Pedro Cunha Lima (PSDB) (2015-2019; 2020 – 2024) é filho do ex-senador; ex-deputado e ex-governador Cássio Cunha Lima, e neto do ex-senador e ex-governador da Paraíba Ronaldo Cunha Lima. Pelo lado materno é bisneto do ex-prefeito de Campina Grande, Elpídio Josué de Almeida.

No estado do Paraná, quase metade dos trinta deputados federais e dos três senadores diplomados nas eleições de 2018 são de família política influente, como pode ser comprovado no quadro a seguir:

QUADRO 1 – Bancada paranaense na Câmara/ Senado e relação parental (2019-2022)

PARLAMENTAR	PARENTESCO
Enio Verri (PT)	Irmão do vereador de Maringá Mário Verri
Felipe Francischini (PSL)	Filho do atual deputado estadual Fernando Francischini (PSL) e da atual vereadora de Curitiba Flavia Francischini (PSL), foi eleito deputado federal em 2018
Gleisi Hoffmann (PT)	Foi casada com o ex-deputado federal e ex-ministro das Comunicações Paulo Bernardo
Luisa Canziani (PTB)	Filha do ex-deputado federal Alex Canziani, candidato derrotado ao Senado em 2018
Pedro Lupion (DEM)	Filho do ex-deputado federal Abelardo Lupion
Ney Leprevost (PSD)	Parente do ex-prefeito de Curitiba e ex- Procurador-Geral do Estado Ney Leprevost
Gustavo Fruet (PDT)	Filho do ex-deputado federal e ex-prefeito de Curitiba Maurício Fruet
Reinhold Stephanes Jr (PSD)	Filho do ex-ministro da Agricultura e da Previdência Social Reinhold Stephanes
Ricardo Barros (PP)	Filho do ex-prefeito de Maringá Silvio Magalhães Barros. Irmão do ex-prefeito do mesmo município. É casado com a ex-deputada federal e ex-governadora Cida Borghetti, candidata derrotada ao governo em 2018. É pai de Maria Victoria (PP), reeleita deputada estadual em 2018.
Sandro Alex (PSD)	Irmão do ex-deputado estadual e prefeito de Ponta Grossa Marcelo Rangel(PPS)
Sergio Souza (MDB)	Irmão da vice-prefeita de Arapuã Soeli de Souza



Toninho Wandscheer (PROS)	Pai do ex-vereador Alisson Wandscheer (PMB), que alcançou a suplência de deputado estadual em 2018.
Zeca Dirceu (PT)	Filho do ex-deputado federal e ex-ministro da Casa Civil José Dirceu
Álvaro Dias (PODE)	Irmão do ex-senador Osmar Dias

FONTE: Câmara dos Deputados (2018)

O sociólogo Ricardo Costa de Oliveira (2000,2012) nos traz análises importantes para entendermos as relações de parentesco e seus arranjos de interesses privados utilizando as estruturas do Estado (executivo, legislativo, judiciário, Ministério Público, tribunais de conta, conselhos de estatais e cartórios) e da sociedade civil (mídia, reitorias e clubes de futebol) para a reprodução dos seus capitais e a manutenção de seu *status quo*. Inclusive considera que as famílias das elites somente conseguem construir seu patrimônio material e intangível com a conivências dessa mesmas estruturas.

Essa rede de poder e de interesses oriundos da parentela, muitas das vezes, se articulam na prática por meio de ações, experiências acumuladas, posições relativas no local de pertencimento e comportamentos autônomos e intuitivos pelos seus agentes no campo, criando um tipo de habitus de estamento de classe dominante, envolvendo o interesse privado do parentesco e as estruturas públicas.

3. Uma elite sem nome e sobrenome

“Carlinhos” nasceu, em 1956, em Águas de Lindoia/SP, município limítrofe com a divisa de Minas Gerais. Terceiro dos cinco filhos do casal de agricultores Domingos e Maria. Foi criado até os quatro anos em Monte Sião (município mineiro), quando depois se muda com a família para o norte do Paraná no início do fluxo migratório interno do país, em busca de novas terras férteis para a cafeicultura.

Foi em Marumbi, na região da Serrinha, município cuja população não passava de cinco mil habitantes, que a família Massa se instalou em busca de melhores condições de vida. Domingos iniciou suas atividades laborais na lavoura de café, mas foi como servente de pedreiro que se consolidou. Carlinhos inicia seus dons comerciais ainda aos oito anos quando vai trabalhar de engraxate, de palhaço e vender pirulito no circo. Começa a ficar conhecido, mas é no campo de futebol, em

função da sua compleição física frágil e da sua agilidade, que recebeu a alcunha Ratinho de Valdomiro Sobrinho (atual prefeito de Mundo Novo/MS).

Mas é em Jandaia do Sul, município adjacente à Marumbi (cerca de 20km), com treze anos, que começa a trajetória comercial e política de Ratinho – não tinha a vocação para as coisas da terra - mas na cidade fez de tudo um pouco, foi artista de teatro, carregador de marmitta, açougueiro, lavador de carro, engraxate, limpador de defunto, feirante, corretor de imóveis, vendedor de quadro, vendedor de churrasquinho em rodoviária, operador de raios-x, vendedor de livros. A veia de negociante, que sempre esteve presente, se iniciou ainda aos quatorze anos em função da experiência adquirida com o senhor Calil, habilidoso vendedor de roupas íntimas que tinha como clientela as mulheres do prostíbulo local. (RATINHO, 2019a).

“Eu sempre quis ser popular” (RATINHO, 2016). Foi com essa mentalidade que, em Jandaia do Sul, acabou se tornando muito conhecido, a ponto de sua performance em vendas na feira de rua render-lhe um convite para trabalhar na rádio. Sua estreia na radiodifusão, aos dezessete anos, ocorreu pelo convite do radialista João Vrenna, no programa *Boca no Trombone*, em curtas inserções na programação, na Rádio Guaicará, município vizinho de Mandaguari, e depois seguiu para a Rádio Cidade Jandaia.

Em razão de sua popularidade crescente, credita-se também a essa “fama” o fato de ter sido radialista episódico, recebeu o convite do ex-prefeito Hermínio Vignoli (que viria a ser eleito de novo em 1976), para ser candidato à vereança em sua cidade. Concorreu com vinte anos pelo partido ARENA e foi eleito com a terceira maior votação, 531 votos. Entre 1977 e 1979, exerceu a função de primeiro-secretário e, em 1980, presidente da Câmara Municipal, sendo um aliado do prefeito eleito (Hermínio Vignoni). A popularidade como vereador, sobretudo nesta fase como radialista mais consolidado, continuava em alta e, em 1982, se reelegeu, dessa vez pelo PMDB, sendo o vice-líder em votos.

No entanto, no início de 1983 se licenciou e foi ocupar, por intermédio do deputado federal Borges da Silveira⁷, cargo de oficial-de-gabinete do Secretário de

⁷ Vice-prefeito de Pato Branco/PR (1976-1978); Deputado Federal/PR (1979-1983; 1983-1987; 1987-1991); Ministro Saúde (1987-1989).

Cultura e Esporte do Paraná⁸, Fernando Ghignone, durante a gestão de José Richa (1983-1986), ficando nessa função até 1986, quando reassumiu seu cargo de vereador na sua cidade. Sua transferência para Curitiba se motivou por necessidades financeiras.

Na capital trabalhou também de maneira informal, mas em razão da sua experiência prévia na radiodifusão de sons, trabalhou no programa matutino *Hora do Tabuco*, na Rádio Nova, São José dos Pinhais (1984), *Programa Canário & Ratinho*, na Rádio Globo, em Curitiba (1985), *O Povo Reclama*, na Rádio Colombo, na capital (1986), essa em parceria com Carlos Simões⁹ que prosseguiria para a Rádio Difusora (que pertencia ao grupo composto também pelas Rádios Ouro Verde e Caiobá, cujo sócio do conglomerado era João Elísio, vice-governador do Estado no mandato José Richa), último estágio até a televisão. Em uma forma de retribuição, Carlos Massa, quando comentava assuntos que tinha ligação com a educação e cultura ou com integrantes próximos ou do próprio governo, aplicava uma narrativa positiva como fisiologismo. (BUCHI, 2020).

Seu nome passa a ter grande projeção no ambiente curitibano, sua participação nas emissoras de rádio mais populares e de programação assistencialista e policial o cancelaram a concorrer a uma vaga na vereança da capital. O pleito de 1988 teve Ratinho como o terceiro postulante mais votado (7.266), perdendo apenas para os comunicadores Luiz Carlos Martins (PMDB) e Carlos Xavier (PMDB, seu ex-companheiro de Rádio Colombo).

Em 1990, candidatou-se vitoriosamente a cadeira de deputado federal pelo PRN, mesmo partido do dono de sua emissora que também era presidente regional, José Carlos Martinez, e do candidato vencedor à presidência – Fernando Collor de Mello. Intitulou-se como um parlamentar do baixo clero¹⁰, não tinha poder decisório,

⁸ Como funcionário de gabinete ganhava em torno de um salário e meio e realizava a apresentação dos festivais que a secretaria organizava.

⁹ Vereador em Curitiba no mesmo mandato que Ratinho (1988-1992); deputado estadual (1991- 2009); seu mandato foi impugnado, em 2009 pelo TRE/PR, pois durante sua campanha de 2006, se utilizou do seu programa televisivo e divulgava a distribuição de bens e serviços.

¹⁰ Segundo Ratinho, os deputados eram classificados “em várias classes: A, B , C ... eu cheguei a ser classe Z, aquele que não manda nada” (2011).



não conseguia emplacar projetos e era tido como massa de manobra nas barganhas dos líderes partidários.

Em novembro de 2007, onze anos fora da política formal, adquiriu do ex-governador Paulo Pimentel, por cerca de R\$ 70 milhões (cifras advindas da venda de sua fazenda em Mato Grosso), as redes de TV integrantes de seu grupo de comunicações composta pelas emissoras TV Iguazu (Curitiba, fundada em 1967), TV Tibagi (Apucarana), TV Naipi (Foz do Iguaçu) e TV Cidade (Londrina), retransmissoras do SBT, que serviram de base para a formação da Rede Massa de Televisão.

Nos dias atuais, o Grupo Massa tem seu conglomerado formado pela Rede Massa/SBT que tem 5 emissoras geradoras de TV (Naipi, Iguaçu, Guará, Tibagi e Cidade), 96 retransmissoras no Paraná, 46 emissoras de rádio (14 no PR), entre franquias e proprietárias, a produtora de eventos Massa Fun! e o Instituto Grupo Massa. Ratinho e família tem bens oficialmente declarados no valor de mais de R\$ 111 milhões que perpassam por diversos ramos do mercado¹¹, sendo que o patrimônio chega a quase R\$ 1 bilhão.

Carlos Roberto Massa é casado com Solange Martinez Massa, desde 1981, e têm três filhos: Carlos Roberto Massa Junior, nascido em Jandaia do Sul, em 1981 e os gêmeos curitibanos Rafael e Gabriel, nascidos em 1985.

O primogênito é casado desde 2003 com Luciana Saito de Azevedo Massa, nascida na zona rural de Registro/SP, ex-proprietária de estabelecimento do ramo de pratas e bijuterias, um dos cinco filhos do casal Osvaldo de Azevedo e Luzia Saito de Azevedo que viveram da agricultura familiar, e juntos tem três filhos: Alana (17), Yasmin (13) e Carlos Roberto (8). Foi sonoplasta na emissora do pai, administrador do Grupo Massa e apresentador do programa *Microfone Aberto* na rádio Massa FM

¹¹ Entre as marcas que são/foram do Grupo Massa encontram-se os vinhos Tallarico, a ração Foster, sardinha e atum 88, esponja de limpeza Pertuto, adoçante de stevia Lowçucar, cerveja Colônia e a rede de reparos residenciais Doutor Resolve, bem como o Park Shopping Boulevard (empreendimento em parceria com Michel Gelhon, situado em Curitiba, com previsão de inauguração em 2021). Sem contar as grandes propriedades de terra nos estados PR, MT, AM.



Curitiba por longo tempo; é sócio em diversos empreendimentos com o irmão, pai e mãe.

Ratinho Júnior frequentou instituições de ensino que não se incluíam no roteiro das famílias tradicionais curitibanas - cursou sua educação fundamental no colégio Tuiuti (1988-1992), em Curitiba, e no Colégio Unidade São José dos Pinhais, em São José dos Pinhais (1993-1995); o ensino médio, no Colégio Ideal, em São José (1996-1998) e graduou-se em Marketing e Propaganda, em 2004, na Faculdade Internacional de Curitiba (Facinter), todas essas instituições de ensino eram periféricas à tradição dos estudantes da classe dominante tradicional curitibana.

Em sua trajetória política, já em 2002, aos 21 anos, elege-se deputado estadual, pelo PSB, com mais de 189 mil votos, a votação mais expressiva da história da Assembleia Legislativa do Paraná. Em 2006, na sua candidatura para deputado federal pelo PPS, obteve a segunda maior votação para a Câmara, com 205 mil votos, recebendo votos em 93% dos municípios do estado. Na sua reeleição para o parlamento, pelo PSC, em 2010, Ratinho Junior teve a maior votação da história do Paraná, com quase 360 mil votos. Em 2012, sua primeira decepção, foi derrotado no pleito para prefeito de Curitiba, após ter vencido o primeiro turno.

No ano de 2014, foi eleito deputado estadual, a candidatura mais votada no Brasil, com mais de 300 mil votos, montando uma bancada com doze parlamentares do partido, o que lhe credenciou a grande liderança política estadual. Durante o segundo mandato, licenciou-se para assumir a Secretaria de Desenvolvimento Urbano no governo Beto Richa, onde permaneceu até se afastar para concorrer à chefia do executivo estadual.

Em 2018, elege-se como o segundo governador mais novo do estado paranaense. Durante sua campanha, dos 8,95 milhões recebidos como receita, 39% vieram do Diretório Estadual do PSD, 36% da família Massa e 25% de outros (sendo 8,9% de Wilson Picler - proprietário do Grupo Educacional Uninter).

Nota-se, nessa brevíssima revisão biográfica e genealógica, que a família consanguínea de Ratinho foge aos arquétipos da classe dominante: de ascendentes dotados de capitais políticos e econômicos; de relações de poder envolvendo sobreposição de estruturas de estado, parentesco e a coisa privada; do posicionamento criterioso do casamento na teia familiar; da mulher e seus dotes na reprodução de poder familiar; da falta de complexidade de estrutura de parentesco da reprodução do *ethos* aristocrático; da transferência de capitais em diversos campos de poder e, sobretudo, de reprodução de um *habitus* de classe tradicional dominante¹².

Monte Sião, Águas de Lindóia, Marumbi e Jandaia do Sul, a trajetória familiar de Ratinho fez migrações para locais periféricos e longe dos lócus decisórios e das pessoas influentes. De acordo com Zapani (2021), seus parentes não contraíram matrimônio com mulheres possuidoras de capital econômico familiares ou status social destacado. O *habitus* de classes dos antecessores e do casal Carlos e Solange Massa não se sobrepõe, quiçá tangencia, as normas comportamentais, os locais de lazer, os hábitos gastronômicos, os espaços de acumulação de capital cognitivo como de outras famílias de destaque no Paraná

Desta forma, pode-se verificar que os Massa não têm predicados que os façam ser designados como classe dominante tradicional, contudo, segundo Ricardo Oliveira, “os que não apresentam antigas conexões com poderes tradicionais geralmente são representantes de novas fortunas em novas atividade econômicas”. (OLIVEIRA, 2000, p. 141). É o caso do casal Ratinho e Solange e seus filhos. Eles, na visão desse autor, podem ser considerados *outsiders*. São protagonistas do campo político, empresarial e midiático paranaense e se destacam por terem ordenamento familiar desviante do arranjo tradição dominante e local.

¹² Esta análise pode ser delimitada até os descendentes de primeiro grau de Ratinho pai. A partir dos seus netos, uma nova interpretação deve ser aprofundada, principalmente em decorrência dos novos locais de fala e dos capitais sociais em construção dos descendentes de segundo grau.

Howard Becker desenvolve e aprofunda sociologicamente essa interpretação do desvio, mas o descreve também em um escopo mais simples e essencialmente estatístico, definido como desviante “tudo que varia excessivamente com relação à média [...] como desvio qualquer coisa que difere do que é mais comum”. (2009, p.18).

Já nas relações políticas, a concepção de outsider pode encontrar analogia nas questões do além da normalidade, da conduta minoritária, da trajetória desviante. De acordo com André Marengo dos Santos, em seu artigo “Nas fronteiras do campo político: raposas e *outsiders* no Congresso Nacional”, um outsider pode ser considerado uma pessoa recém-ingressa no campo político, indivíduo que conquistou “sua cadeira parlamentar sem a necessidade de percorrer todas as escalas da carreira e de um longo estágio no interior de organizações partidárias” (SANTOS, 1997), ou seja, não seguiu o rito de ingresso normal e tradicional dos seus semelhantes

Sendo assim, como a família Massa conseguiu ser protagonista de arranjos entre o interesse privado e as estruturas públicas? Como pode ser considerada parte da elite paranaense sem ter capitais oriundos de família tradicional e dominante, ou nas palavras comumente ditas pelo próprio Carlos Roberto em seu programa de auditório, não tem DNA de elite. Até mesmo nas disputas eleitorais, a falta de um sobrenome tradicional foi motivo de discussões políticas, Gleisi Hoffmann, na campanha do conhecido candidato Gustavo Fruet (adversário de Ratinho Jr à prefeitura), emitiu a declaração que “A mudança tem nome e sobrenome”, dando a ideia de que o eleitor curitibano, majoritariamente conservador, não elegeria um candidato “sem sobrenome”, sem histórico e sem tradição como Ratinho Jr. (CONTRAPONTO, 2018). O ofendido, tempos depois, em um evento da campanha no município de Ponta Grossa, com microfone em punho, reforçou a ideia anterior de que realmente “não faço parte da elite política [tradicional].” (MARTINS, 2017).

3.1 Arranjos da nova ninhada

De que forma? Família ainda importa, esta pesquisa tenta estender a articulação da família consanguínea e levá-la para uma relação mais informal, mais

flexível, onde os laços afetivos e os de interesses mútuos se sobrepõem – a parentela de Katia Matoso (op. cit.) . Esse arranjo social também importa muito! É engrenagem interessante para entendermos as conjecturas de poder, a teia de capitais sobrepostos e a amplitude que esse vínculo pode alcançar. Essa relação de parentela ganha reforço no seu status de pertinência e importância na declaração do ex-presidente Lula - “Eu costumo dizer que um irmão nem sempre é um grande companheiro, mas que *um companheiro é sempre um grande irmão*”. (LULA, 2012, grifo nosso) .

A hipótese de pertinência da parentela como instituição complementar ou extensiva à família e eixo estruturante do coronelismo eletrônico ganha contornos de importância também nos Massa, principalmente porque eles não têm na sua origem a família consanguínea como cimento social, como instrumento de transferência de capital ou como base de sustentação de poder.

As relações de parentela dos Massa começaram a ser formadas por meio de Carlos Massa e foram se sobrepondo a diversos capitais simbólicos. Um fator primordial que contribuiu para a projeção de Ratinho foi sua contratação como repórter/apresentador pela Rede OM, de propriedade da família Martinez (Oscar, José Carlos e Flávio).

Oscar Martinez, filho do fazendeiro espanhol José Carlos, foi criador de gado no Pantanal mato-grossense e de porcos, gado de raça, café, mel e milho no Paraná; usineiro de açúcar em Elias Fausto/SP; proprietário da Colonizadora Norte do Paraná; fundador da cidade de Umuarama e da gleba Tupãssi (depois nominada Assis Chateaubriand, em homenagem ao pioneiro da televisão no país; ação essa que iniciou uma relação de amizade entre ambos). Oscar foi casado com Joalice de Castro e tiveram três filhos Flávio, José Carlos e Maria; os dois primeiros sócios junto com o pai do Grupo OM, depois CNT (TV Paraná, Diário Paraná, TV Tropical, TV Corcovado e TV Carimã).

O primeiro é casado com Beatriz Carolina de Magalhães, filha do ex-juiz federal Luiz Rondon Teixeira de Magalhães, ex-chefe de gabinete do Ministro da Justiça (1964), irmã de Luiz Rondon Filho, ex-tesoureiro PTB e vice-presidente corporativo da



CEF (governo Dilma); vice-presidente de Relações Internacionais PTB; diretor da Rede OM desde a fundação, junto com pai e irmão, é o atual presidente Rede CNT.

José Carlos foi deputado federal por quatro mandatos (1983-1987/PDS; 1987-1991/PMDB-PRN; 1999-2003/PTB; 2003) e integrou a CCTCI (1999-2003). Integrante do PDS, foi contra o *Movimento Diretas Já* e malufista nas eleições indireta de 1985, em razão do indicado tê-lo prometido o cargo de Ministro das Comunicações caso vencesse as eleições presidenciais. (MAZZA, 1984); migrou para o PMDB, em 1985, mesmo partido de Sarney, pois “interesses muito grandes na área da Comunicação envolvendo dois canais de TV, estariam estimulando Martinez a virar peemedebista”. (CORREIO DE NOTÍCIAS, 1985); foi favorável à extensão temporal do mandato presidencial de Sarney para cinco anos, contradizendo sua opinião de outrora - “somos contra qualquer prorrogação de mandato dentro de um processo de abertura democrática. Ou ela é uma verdade jurada ou não tem sentido alguma”. (DIÁRIO DA TARDE, 1983); ingressou no recém-criado PRN (sendo inclusive presidente da legenda no estado) e foi um dos principais organizadores no Paraná da candidatura à presidência da República de Fernando Collor de Mello; foi candidato a governador do Paraná, em 1990, tendo perdido as eleições às vésperas da votação do segundo turno para seu adversário, Roberto Requião, que o denunciou de autoria de crimes.

Martinez foi acusado de comprar a TV Corcovado (RJ) com cheque-fantasma dado por PC Farias (tesoureiro de campanha de Collor), maneira de esquentar dinheiro de caixa dois; foi também denunciado do recebimento de verbas federais e estatais (estimadas em U\$ 1,5 milhão por mês), durante governo Collor; em 1999, chegou a presidência nacional do PTB; foi coordenador-geral, na fase inicial, de campanha de Ciro Gomes à presidência da República, em 2002, abandonando-a em virtude das acusações sofridas. Faleceu em 2003 em um desastre aérea no município paranaense de Guaratuba.

A relação laboral entre o repórter e apresentador da Rede OM e a família Martinez se expandiu para além dos números de audiência e dos muros da emissora, proporcionou arranjos políticos, além de criar um vínculo de amizade que dura até os dias presentes (RATINHO, 2018). Ratinho concorreu vitoriosamente a uma vaga no parlamento federal, em 1991, estando inscrito no mesmo partido de José Carlos e

Collor (PRN), sendo inclusive cabo eleitoral de Martinez no certame de 1998. O apresentador durante o processo de impeachment de Collor manteve-se fiel à Martinez e permaneceu no partido. No entanto, segundo Jornal do Commercio (1992), com o argumento de indecisão quanto ao impeachment, Carlos Massa integrou arranjos de clientelismos junto com seu conterrâneo, ex-chefe e radialista Pinga Fogo a fim de sustentar o então presidente no seu mandato. Municípios paranaenses vizinhos à Jandaia do Sul (Arapongas e Marialva) foram beneficiados individualmente com verbas (Cr\$ 232,4 milhões) do Ministério da Ação Social para obras de apoio à habitação popular. Contudo, durante a votação do impeachment, Ratinho foi um dos 441 votos favoráveis à retirada do presidente.

Outro personagem que se insere na relações de parentela de Carlos Massa é o seu patrão e sócio Silvio Santos. Foi o dono do SBT que pagou multa rescisória milionária à TV Record para ter o apresentador na sua emissora. Nesse novo desafio, o comunicador teve aumento no seu salário de quase dez vezes. Essa majoração financeira, além das suas relações de parentela, mais a sua habilidade inerente em negociações contribuiu para que ele construísse o patrimônio que tem atualmente. Além disso, é inevitável mencionar Silvio Santos sem discorrer sobre seus arranjos de poder, sua popularidade e seus vínculos de influência intermediadas pelo seu capital midiático. O “dono do Baú” mantém alinhamento com diversos níveis decisórios, obviamente também com o executivo nacional desde o governo militar até o mandatário Bolsonaro, a ponto de instituir o programa dominical “Semana do Presidente”, que destacava atos do governo federal, em uma espécie de produção estatal, que durou até o mandato FHC. Em 1988, face às ameaças de revisão de concessões radiofônicas por ACM, Silvio visitou Sarney em maio de 1985 e, de acordo com o jornalista Maurício Stycer, ao sair do Planalto, disse: "Eu já dei ordem aos jornalistas da minha empresa para nunca criticar, só elogiar o governo". (STYCER, 2019). No mesmo ano, questionado pela Folha de S.Paulo sobre como via o governo, respondeu: "Eu sou concessionário, um 'office boy' de luxo do governo. Faço aqui o que posso para ajudar o país e respeito o presidente, qualquer que seja o regime". (STYCER, op.cit).

Outra informação que merece ser destacada é que a empresa midiática de Silvio Santos, que tem Ratinho como sócio no seu programa homônimo, recebeu R\$ 1,6 bilhão, entre 2003 e 2014, dos governos Lula e Dilma, com a finalidade de ser empregada em ações de publicidade estatal. (RODRIGUES, 2015).

Com Bolsonaro a relação de ambos os apresentadores não foi diferente. Silvio Santos, durante a cerimônia do desfile de Sete de Setembro de 2019, na capital federal, esteve presente, de forma inédita, em posição de destaque ao lado do presidente no palanque, simbolizando tacitamente a parceria. Além disso, em junho de 2020, o deputado Fabio Faria (PSD/RN), genro de Silvio, foi nomeado Ministro das Comunicações, entidade enquadrante da Secretaria de Comunicação da Presidência da República, órgão que regula a destinação de verbas publicitárias para radiodifusão e demais veículos. Mais uma caso da importância da família/parentela na rede de poder político e na manutenção do *status quo* da classe dominante. Também não se pode esquecer das verbas publicitárias que tiveram um acréscimo considerável, durante o governo atual, as cifras recebidas pelo SBT passaram a ser da ordem de 41% do bolo total, ante os 24,8% do governo anterior. (JOÃO FILHO, 2020).

Assim como no governo Lula, o programa do apresentador e empresário Ratinho foi um dos mais procurados por Bolsonaro, em uma delas o apresentador fez questionamentos afáveis, elogiou por diversas vezes o presidente e seus ministros, bem como emitiu sua opinião pessoal sobre a reforma da Previdência que foi ao encontro do interesse presidencial: "As mudanças são claras e boas para o Brasil [...] Você acha que se a Previdência fosse ruim para o povo, eu estaria a favor?". (RATINHO, 2019b). Além do crescimento da audiência durante essas entrevistas, cifras publicitárias ingressam nas contas do SBT. O Governo Federal "desembolsou R\$ 268,5 mil para fazer merchandising e promover a PEC (Proposta de Emenda à Constituição) da Previdência no Programa do Ratinho, exibido pelo SBT, entre os meses de fevereiro e março". (REVISTA ÉPOCA apud PODER 360, 2019).

Na esteira da discussão do conceito, o capital financeiro se insere nessa relação, o empresário Luciano Hang é integrante nesse arranjo social que tem Carlos Massa no centro das atenções. Hang, dono da Rede Havan, tem mais de dezesseis mil funcionários, se encontra em dezoito estados e tem 159 lojas, com previsão de

alcançar 200 unidades, até 2022. Sua fortuna atual está avaliada em R\$ 19 bilhões, ocupando a sétima posição no país e o 514º lugar no mundo. (SPAUTZ, 2020). Luciano tem presença frequente na programação¹³ do SBT que segundo o jornalista Daniel Castro, o empresário “deverá aumentar os investimentos na emissora dos atuais R\$ 45 milhões anuais para R\$ 80 milhões, valendo a partir de setembro. Se isso se concretizar, passará a ser o maior anunciante privado da rede de Silvio Santos”. (CASTRO, 2019). Os negócios do grupo são diversificados, além das lojas de departamentos, a Havan tem cinco pequenas centrais hidrelétricas, uma administradora de imóveis, um depósito de combustíveis, agência de viagens, agência de publicidade e participação em um hotel em Joinville (SC).

Ratinho é amigo de Luciano, participou da inauguração de algumas lojas (Vilhena/RO, Indaiatuba/SP e Passo Fundo/RS), viajou algumas vezes no mesmo avião particular do empresário e o entrevistou no seu programa algumas vezes. A entrevista entre ambos, ocorrida em 2019, no Programa do Ratinho, teve uma abordagem afável e descontraída, com direito a enviar beijo para a dona Regina (mãe de Hang), um viés ufanista, laudatório das suas empresas, de louvação ao presidente da República e de pressões favoráveis à reforma da Previdência, tendo o comentário do apresentador “não vai cair nessa conversa [de que a reforma é prejudicial aos trabalhadores]”. (RATINHO, 2019b).

Hang ativista bolsonarista, se encontrou com o presidente da República algumas vezes, inclusive esteve, também, no desfile de Sete de Setembro de 2019, em Brasília. Em janeiro de 2020, quando a estátua da Havan da loja paulista de São Carlos se incendiou, o presidente vestindo camisa do time de futebol Clube Cascavel, patrocinado pela rede de lojas, foi às suas redes sociais prestar apoio ao empresário. Outro caso envolvendo a proximidade entre ambos, ocorreu por ocasião da crítica presidencial de um embargo burocrático e procrastinador feito pelo diretor do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN) em obras de construção de uma loja Havan no Rio Grande do Sul. (GODOY e GALHARDO, 2020). No Paraná, durante

¹³ Além de ter tido maior evidência midiática no Programa do Ratinho, Luciano Hang foi personagem presente nos programas de Celso Portioli, Silvio Santos, Danilo Gentili, Roberto Cabrini, Eliana e Raul Gil.

o mandato Ratinho Junior, que recebeu R\$ 100 mil em doação para a campanha ao governo do estado, Hang foi diplomado Cidadão Honorário Paranaense e assistiu, em 2019, junto com o governador e filhos ao jogo final da Copa do Brasil (Atlético Paranaense e Internacional) no mesmo camarote.

Prosseguindo na importância da parentela na construção do poder simbólico dos Massa, é interessante focalizar agora uma importante família dominante e tradicional paranaense que permeia a teia de interesses de Carlos Massa – os Pimentel. Paulo Pimentel¹⁴, secretário da Agricultura, governador do Paraná (1966-1971) mais jovem da história e deputado federal (1979-1983; 1987-1991); casado com Yvone Lunardelli, filha de João Lunardelli e neto de Ricardo Lunardelli, fundador da cidade de Porecatu e da Usina Central de açúcar e álcool do Paraná, grande latifundiário e empresário do ramo sucroalcooleiro; Paulo possui dois netos em posição de destaque na atual política paranaense: 1) Eduardo Pimentel Slavieiro, empresário, ex-assessor do governador Beto Richa, na Casa Civil, ex-diretor CEASA-PR e atual vice-prefeito de Curitiba reeleito; 2) Daniel Pimentel Slavieiro – ex-diretor geral do SBT em Brasília, presidente da Abert (Associação Brasileira de Emissoras de Rádio e Televisão) (2006-2010; 2012-2016), ex-diretor-executivo na Rede Massa e presidente da Companhia Paranaense de Energia (COPEL), no mandato Ratinho Jr, maior empresa estatal e a terceira em gastos com publicidade institucional¹⁵ entre janeiro e setembro de 2019 – R\$ 6.379.222,49 (RIBEIRO, 2019), fechando o ano em R\$ 10.102.877,71, sendo que nas rádios foram gastos R\$ 2.993.206,05 e nas TV, R\$ 2.924.485,51. É importante também destacar que Ratinho iniciou seu império midiático comprando do Grupo Paulo Pimentel, em 2007, por cerca de R\$ 70 milhões, as TV Iguaçu, TV Tibagi, TV Naipi e TV Cidade (uma das bases de sustentação da imagem política do ex-governante).

Outros agentes que dão vida à parentela e integram o sistema coronelismo eletrônico como protagonistas são os comunicadores da Rede Massa. Curiosamente,

¹⁴ Cf. biografia de Paulo Pimentel, ver SANT’ANA (2008) e GARRETT (2019)

¹⁵ Os gastos estão distribuídos em diversos serviços, entre eles - assessoramento de redes sociais, cinema, ilustração, internet, jornal, mídia alternativa, mídia exterior, outdoor, pesquisa, produção eletrônica, rádio, televisão, revista. Dados da Secretaria de Comunicação fornecidos pelo Portal da Transparência do Governo, entre jan. e dez. 2019).



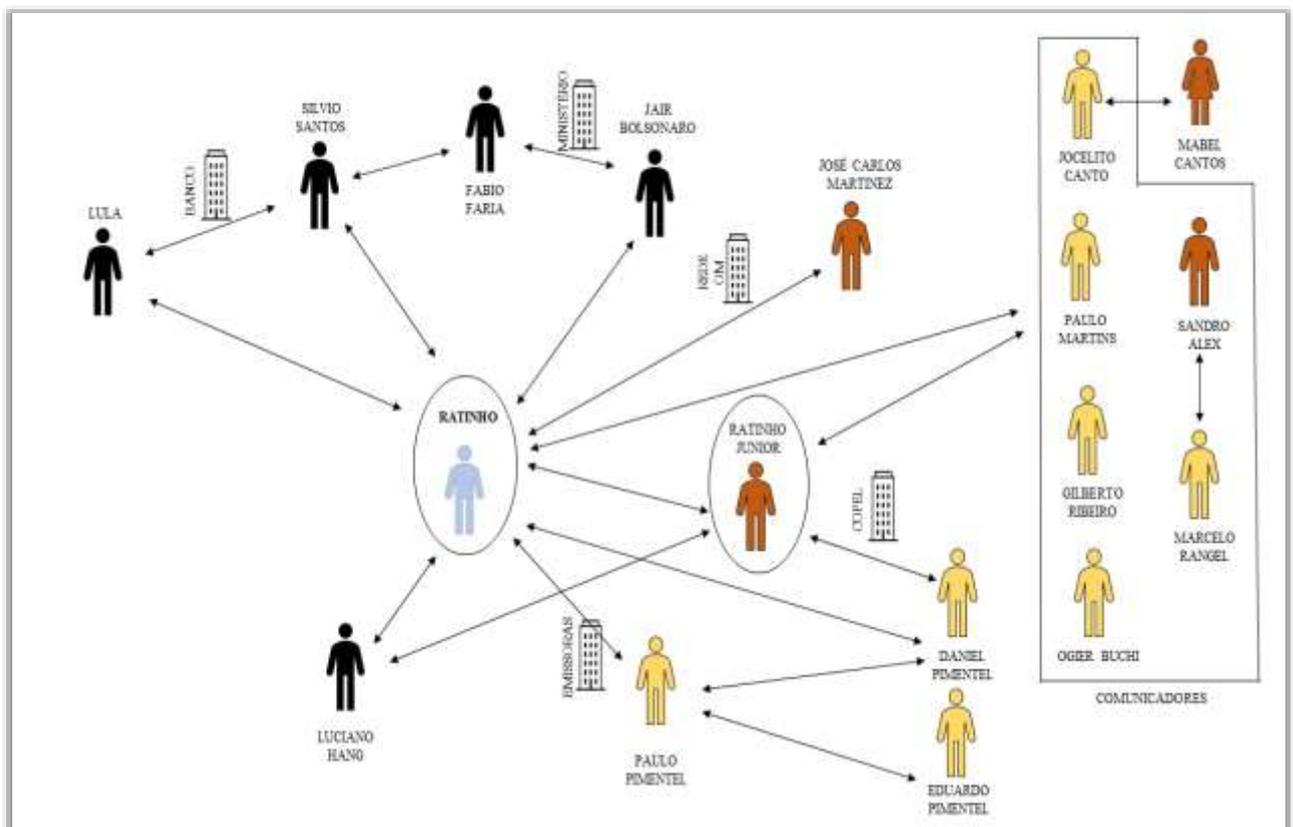
nos quadros da emissora, localizamos (até dez. 2020) diversos que foram ou estão em posição política de destaque: o apresentador do programa *Primeiro Impacto*, Gilberto Ribeiro (deputado estadual), o comentarista político Paulo Martins (deputado federal), o apresentador do *Tribuna da Massa*, Jocelito Canto (ex- deputado federal, ex-prefeito de Ponta Grossa e pai da deputada estadual Mabel Canto), o ex-apresentador Galo (deputado estadual), o ex-comentarista Ogier Buchi (candidato ao cargo de governador indeferido) e os irmão Sandro Alex (deputado federal) e Marcelo Rangel (prefeito de Ponta Grossa), ambos radialistas e filhos de Nilson de Oliveira, proprietário da Rádio Mundi e atual diretor da Rádio Massa Ponta Grossa (ex- Rádio Central que foi de sua propriedade). Essas conexões político-comunicacionais requerem maior aprofundamento analítico para entendermos de que forma esses personagens atuam em um viés mais amplo nas relações parentelares.

Segundo Entrevistado 2 (2020), esse esquema é um grande jogo de interesses que visam um projeto maior de poder que perpassa a comunicação. Todavia na ótica do Entrevistado 5 (2020), esse arranjo com tantos políticos tem estrutura curiosa, mas não crê na sua formação direcionada para esse fim. Ogier Buchi foi aliado de Ratinho Junior por longa data até a ruptura em 2018 por questões políticas. Quando ainda estava na bancada do jornal matinal não criticava o seu ex-seguidor, era seu amigo, palavras de Buchi (2020). O deputado Paulo Martins, iniciou sua carreira jornalística na Rede Massa, fez bancada com Buchi no telejornal, é membro do PSC, partido de Ratinho Junior até 2016, e faz parte da base de sustentação política do governador. O deputado e radialista Sandro Alex é do mesmo partido do mandão estadual que o nomeou secretário de Infraestrutura e Logística. Seu irmão, também radialista da Rádio Mundi (cujo pai é dono e diretor da Massa FM) foi prefeito de Ponta Grossa e ambos constituem força de sustentação para Ratinho Junior. A deputada Mabel Canto, filha do radialista e funcionário da TV Guará (Rede Massa Ponta Grossa), Jocelito Canto, é do mesmo partido do governador.

O fato é que uma parentela com tantos apresentadores que se tornaram políticos e que trabalham na mesma emissora, cujo um dos “proprietários” é o atual governador do estado e outro um dos maiores comunicadores do país é um caso, no mínimo, pouco comum que requer um pesquisa exclusiva.

Nota-se (figura 1) que nessas relações de afinidades e de interesses envolvem quase que integralmente a coisa pública em tratativas em um viés pessoal, em arranjos tripartites, onde integrantes da família e, sobretudo, agentes da estrutura flácida da parentela são os agentes viventes nesse jogo de acordos mútuos, onde ambos lados usam as estruturas da sociedade civil e política como estratégia de acumulação e transferência de capitais. A família, ou melhor, a parentela dos Massa não foge a regra nessa disputa pelo poder. Observamos nessa ilustração agentes políticos de diversos níveis (Lula, Bolsonaro, famílias Martinez e Pimentel), estruturas de Estado (Copel, ministérios) e parentelas sempre tangenciando questões político-eleitorais e, sobretudo, caracterizando esse espaço como grande campo de tensões e disputas por capitais.

FIGURA 1 – estrato da rede de parentela, influência e poder de Carlos Massa (ratinho)



FONTE: ZAPANI (2021)

NOTA: NACIONAL REGIONAL LOCAL



4. Considerações finais

A base de sustentação do sistema Coronelismo Eletrônico, interseccionando os sistemas político e midiático numa relação de dependência fundamental, se configura a partir da inviabilidade de duas premissas dos discursos capitalistas ocidentais. Do ponto de vista midiático, a ideia de que os sistemas midiáticos se sustentariam exclusivamente a partir de publicidade comercial não se materializa no contexto de grande parte das realidades locais e regionais dos sistemas midiáticos sem pesado investimento estatal ou fomento público diversificado. As lógicas do capital se concentram em poucos programadores e redes de distribuição que estão, cada vez mais, associadas à exclusão digital. Onde há pobreza, resta a radiodifusão gratuita convertida em instrumento base de entretenimento, informação, fé e consumo, não só de produtos e serviços, mas essencialmente de modos de vida. Na negociação de identidades e prestígios, o rádio e a televisão constituem um capital simbólico essencial à vida política e, simultaneamente, se constituem num mecanismo de fomento para a sobrevivência de um sistema midiático precarizado e subalternizado.

A segunda premissa discursiva que tem se mostrado inviável, tanto para a manutenção do sistema político quanto do sistema midiático, é a premissa neoliberal de retirada do Estado da regulação, da operação e do fomento da comunicação. A fragilização do entendimento da comunicação como um serviço público fundamental à democracia corrobora para o adensamento das tradições históricas de compadrio e filhotismo tanto no sistema político quanto no sistema midiático nacional.

A percepção da formação de grupos a partir de relações de oportunidades e dinâmicas que preservam traços de parentela e filhotismo mais fluidos remete também às noções de classe social. Ratinho e Boca Aberta no Paraná, Alexandre Frota e Celso Russomanno em São Paulo, Wallace Souza e Sabino Castello Branco no Amazonas, Magno Malta e Lauriette Rodrigues no Espírito Santo, Fábio Souza em Goiás, Wladimir Costa no Pará, Bibó Nunes no Rio Grande do Sul, Eros Biondini em Minas Gerais...são personagens de uma amostra composta por 744 deputados federais comunicadores políticos que o grupo de Pesquisa PEIC vem analisando



(AIRES, SANTOS, 2019). Uma característica importante que diferencia comunicadores políticos dos donos de meios é a relação de classe. Eles estão sob a injunção dos partidos e dos radiodifusores, embora sejam de extrema valia a composição de cotas e de votos nas legendas partidárias, e são majoritariamente identificados como parlamentares compositores do baixo clero político. Desta fragilidade advém sua necessidade primordial de associação. Buscar protetores é fundamental à sua sobrevivência tanto no sistema midiático quanto no sistema político, dado que se retroalimentam. Neste contexto, o estudo das parentelas se mostra uma ferramenta extremamente fértil na compreensão das relações que organizam o sistema midiático tanto no espaço geográfico quanto nos espaços simbólicos e políticos nacionais.



Referências

- BECKER, H. **Outsiders: estudos de sociologia do desvio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.
- BUCHI, O. **Entrevista concedida por Ogier Buchi**. Curitiba, 10 jul. 2020.
- CARDOSO, F.; HOLANDA, S.; CARDOSO, F. **Estrutura de poder e econômica: 1889 - 1930**. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand do Brasil, v.8, 2006.
- CASTRO, Daniel. **Por que o dono da Havan aparece tanto no SBT? Acordo milionário explica**. Notícias da TV/UOL, 20 ago. 2019. Disponível em: encurtador.com.br/bJZ24>. Acesso em: 14 ago. 2020.
- CONTRAPONTO. **Sem nome, sem sobrenome e popular**. Contraponto, 2018. Disponível em: <<https://contraponto.jor.br/sem-nome-sem-sobrenome-e-popular/>>. Acesso em: 29 nov. 2020.
- CORREIO DE NOTÍCIAS. Convidado. **Correio de Notícias**, p. 2, 20 abr. 1985.
- DIÁRIO DA TARDE. **Martinez é contra prorrogar mandato**, 24 fev. 1983.
- MATTOSO, K. **Família e sociedade na Bahia do século XIX**. São Paulo: Currupio, 1988.
- ENTREVISTADO 2. **Entrevistado anônima concedida ao pesquisador**, 2 jul. 2020.
- ENTREVISTADO 5. **Entrevista anônima concedida ao pesquisador**, 22 jul. 2020.
- GARRETT, C. **Vim, vi, venci**. Curitiba: Arte & Letra, 2019.
- GODOY, M.; GALHARDO, R. **MPF vai analisar interferência no Iphan que beneficiou Hang**. Portal Terra, 25 maio 2020. Disponível em: <encurtador.com.br/tGO24>. Acesso em: 15 ago. 2020



JOÃO FILHO. **Bolsonaro se diz perseguido pela imprensa. Mas Band, SBT, Record e Rede TV estão ao seu lado.** The Intercept Brasil, 23 fev. 2020. Disponível em: <<https://theintercept.com/2020/02/23/imprensa-bolsonaro-band-sbt-record-rede-tv/>> Acesso em: 2 out. 2020

JORNAL DO COMMERCIO. Fiúza distribui recursos. **Jornal do Commercio**, p. 3, 16 set. 1992.

LEAL, Victor Nunes. **Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil.** 7ª. ed. São Paulo: Companhia das Letras, [1949] 2012.
LULA, Luis Inácio. **Programa do Ratinho**, SBT TV, 31 maio 2012. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=hskLVRXnuts&t=18s>>. Acesso em: 2 ago. 2020.

MARTINS, R. De pai para filho. **Revista Piauí**, 13 dez. 2017.

MAZZA, L. Maluf, a esperança. **Correio de Notícias**, p. 4, 24 jul. 1984.

OLIVEIRA, Ricardo C. de. **O Silêncio das genealogias: classe dominante e Estado no Paraná (1853-1930).** Tese (Doutorado) em Sociologia—Campinas: UNICAMP, 2000.
QUEIROZ, M. **O messianismo no Brasil e no mundo.** São Paulo: Dominus - Edusp, 1965.

_____. **Na teia do nepotismo – sociologia política das relações de parentesco e poder político no Paraná e no Brasil.** Curitiba: Insight, 2012.

PODER 360. **Governo Federal pagou R\$ 268,5 mil a Ratinho por merchandising da Previdência.** Poder 360, 5 jun. 2019. Disponível em: <encurtador.com.br/eKNQX>. Acesso em: 13 ago. 2020.

QUEIROZ, M. **O messianismo no Brasil e no mundo.** São Paulo: Dominus - Edusp, 1965.

RATINHO, Carlos Massa. **Provocações - TV Cultura**, 25 abr. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=dARPSdOckUc>>. Acesso em: 18 jul. 2020.

_____. **“Entre Nós” | TV Estadão Online | Notícias da TV**, 2016. Disponível em: <encurtador.com.br/hwFI5>. Acesso em: 29 nov. 2020.

_____. **Ratinho fala sobre sucesso de Silvio Santos.** Giro com William Corrêa, 23 jan. 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=x4ycBjyli0o>>. Acesso em: 10 jul. 2020.

_____. **Dois dedos de Prosa com Luciano Hang.** Programa do Ratinho, 19 abr. 2019a. <encurtador.com.br/CNY46>. Acesso em: 14 ago. 2020



_____. **2 dedos de Prosa com Jair Bolsonaro** | Programa do Ratinho, 4 jun. 2019b. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=TWq-BuJUfW4>>. Acesso em: 13 ago. 2020.

RIBEIRO, A. **Governo do Paraná gastou R\$ 155 mil por dia em publicidade no primeiro semestre**. Livre.jor, 9 ago. 2019. Disponível em <encurtador.com.br/hzCO4>. Acesso em: 4 set. 2019.

RODRIGUES, F. **TV Globo recebeu R\$ 6,2 bilhões de publicidade federal com PT no Planalto**. Folha S. Paulo, 2015. Disponível em: <encurtador.com.br/yDFMX>. Acesso em: 6 nov. 2018.

SANT'ANA, H. **Paulo Pimentel, momentos decisivos**. 1a ed. Curitiba: Travessa dos Editores, 2008.

SANTOS, A. Nas fronteiras do campo político: raposas e outsiders no Congresso Nacional. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, n. 33, p. 87–101, 1997.

SANTOS, Suzy. E-Sucupira: o Coronelismo Eletrônico como herança do Coronelismo nas comunicações brasileiras. **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, v. 7, 2006.

SANTOS, Suzy; CAPPARELLI, Sérgio. **Coronéis eletrônicos, voto e censura prospectiva**. Revista Cultura Vozes, v.96, p.14-24, 2002.

_____. Coronelismo, radiodifusão e voto: a nova face de um conceito. In: BRITTOS, V.; BOLANO, S. (Eds.). **Rede Globo: 40 anos de poder e hegemonia**. São Paulo: Paulus, p. 77–101, 2005.

SPAUTZ, D. **Luciano Hang sobe 14 posições na lista dos bilionários da Forbes**. NSC Total, 27 maio 2020. Disponível em: <encurtador.com.br/hyIV8>. Acesso em: 14 ago. 2020.

STYCER, Maurício. **De Médici a Bolsonaro, Silvio fez afagos a todos os presidentes desde 1970**. Maurício Stycer/UOL, 3 maio 2019. Disponível em: <encurtador.com.br/uJQTU>. Acesso em: 12 ago. 2020.

ZAPANI, André K. **Coronelismo Eletrônico no Paraná: Estado, mídia e parentelas em querelas (nada) rastaqueras**. Tese (Sociologia) Universidade Federal do Paraná, 363p., 2021.